

OS HAGIOTOPÔNIMOS NA MACROTOPONÍMIA: OS MUNICÍPIOS BRASILEIROS

HAGIOTOPONYMS IN MACROTOPONY: BRAZILIAN MUNICIPALITIES

Anna Carolina Chierotti dos Santos Ananias¹

Universidade Estadual de Londrina

Marilze Tavares²

Universidade Federal da Grande Dourados

Resumo: A Toponímia é a subdivisão da Onomástica e se ocupa do estudo dos nomes próprios de lugares. Diversos autores têm categorizado esse tipo de nome a partir da sua motivação semântica. Dick (1990b), por exemplo, apresenta um modelo taxionômico no qual os designativos geográficos motivados por hagiônimos – nomes de santas e santos – são chamados de hagitopônimos. O objetivo deste estudo foi apresentar um panorama da ocorrência dos hagitopônimos na macrotoponímia brasileira, ou seja, nos nomes de municípios. Para isso, a partir de consulta aos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), verificou-se que dos 5.570 municípios, atualmente, 549 têm como motivação nomes de santos e santas. A análise demonstrou que os estados em que o percentual de topônimos com essa motivação é maior são: Maranhão, Paraíba, Piauí, Roraima e Pará; os santos mais recorrentes foram: São José, São João e Santo Antônio e esses são mais produtivos especialmente nos estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e São Paulo. No que se refere à constituição formal dos topônimos, constatou-se que é significativa a quantidade de designativos de estrutura híbrida “português + tupi”. De modo geral, os resultados elencados podem ser relacionados à formação histórica e cultural do país, como, por exemplo, o fato de o Brasil ser um país majoritariamente católico desde o início de sua colonização.

Palavras-chave: toponímia; hagitopônimos; religiosidade; município brasileiros.

Abstract: Toponymy is the subdivision of Onomastics and deals with the study of proper names of places. Several authors have categorized this type of name based on its semantic motivation. Dick (1990b), for example, presents a taxonomic model in which the geographical designations motivated by hagionyms - names of saints and saints - are called hagitoponyms. The aim of this study was to present an overview of the occurrence of hagitoponyms in the Brazilian macrotopony, that is, in the names of municipalities. For this, based on data from the Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), it was found that of the 5,570 Brazilian municipalities, currently, 549 are motivated by the names of saints. The analysis showed that the states in which the percentage of toponyms with this motivation is higher are Maranhão, Paraíba, Piauí, Roraima and Pará; the most recurring saints were São José, São João and Santo

¹ Doutora em estudos da Linguagem, pela Universidade Estadual de Londrina – UEL. Atualmente participa do projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português. E-mail: annachierotti@yahoo.com.br.

² Doutora em estudos da Linguagem, pela Universidade Estadual de Londrina – UEL; professora da Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD. E-mail: marilzetavares@ufgd.edu.br.

Antônio and these are more productive especially in the states of Minas Gerais, Rio Grande do Sul and São Paulo. With regard to the formal constitution of toponyms, it was found that the number of designations of hybrid structure “Portuguese + Tupi” is significant. In general, the results listed can be related to the country's historical and cultural background, such as the fact that Brazil has been a mainly Catholic country since the beginning of its colonization.

Keywords: toponymy; hagiotoponyms; religiosity; Brazilian municipalities.

Submetido em 08 de julho de 2020.

Aprovado em 15 de setembro de 2020.

Introdução

Este estudo, que se insere no campo da Toponímia, tem como objetivo apresentar um panorama a respeito da ocorrência de nomes de santos e santas nos designativos dos 5.570 municípios brasileiros. A pesquisa pretende demonstrar quantos municípios recebem esse tipo de nome, quais as santas e os santos mais homenageados nesse recorte investigado, se a tendência à utilização desse tipo de nome é restrita a apenas um momento da história da organização territorial do Brasil em municípios ou se é uma constante, se existem “áreas toponímicas”, ou seja, se há maior concentração de nomes dessa categoria ou de certos hagiônimos em determinadas áreas geográficas e quais as prováveis razões para isso. Além disso, são apresentadas considerações acerca da estrutura formal dos nomes analisados.

Como será possível observar, existem vários outros trabalhos já concluídos a respeito da presença da religiosidade na toponímia brasileira. Dick (1990a), por exemplo, com dados obtidos para a sua pesquisa de Doutorado, apresenta um referencial importante sobre a toponímia brasileira, com relativo destaque para topônimos motivados por questões religiosas. A autora, entretanto, considera um conjunto de nomes geográficos de acidentes físicos e humanos, obtidos, antes de 1980 (ano de defesa da sua tese) do *Índice de topônimos contidos na Carta Brasil – 1:1.000.000*, do IBGE e em “outros registros suplementares”.

Para a organização dos dados desta pesquisa, foram reunidos, em uma planilha do programa Excel, os nomes das regiões brasileiras, dos seus estados e dos seus municípios, conforme registro no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística –

IBGE. A partir desse arquivo, foi possível a seleção dos topônimos com nomes de santos ou santas, distribuídos por estados e regiões brasileiras.

A análise dos dados foi fundamentada, essencialmente, pelos trabalhos de Dick (1990a e 1990b), e o site do IBGE também foi a principal fonte utilizada no que se refere às informações de natureza histórica dos municípios nomeados com hagiônimos.

Convém já esclarecer que a influência religiosa na macrotoponímia brasileira é mais abrangente do que se discute neste estudo, porque outros designativos, não referentes a nomes de santas e santos, também remetem à religiosidade como, por exemplo, *Conceição do Araguaia* (PA), *Nazaré Paulista* (SP), *Bom Jesus* (RS), *Santa Cruz* (PE). Além disso, essa influência está em outros tipos de acidentes físicos e humanos (além dos municípios). No entanto, para o recorte selecionado, foram considerados, objetivamente, os nomes dos municípios antecidos pelos termos “santa”, “santo” e “são”. Foram excluídos da análise, entretanto, os topônimos: Santos Dumont, Santo Cristo, Santa Fé, Santa Cruz e suas variações, por não representarem hagiônimos.

1. Sobre o catolicismo no Brasil

O catolicismo é uma das primeiras vertentes do cristianismo, crença difundida e disseminada durante séculos entre povos de diferentes raças. Essa doutrina foi trazida ao Brasil pelos portugueses por ocasião do “descobrimento” do país no ano de 1500.

Nessa época, estava em vigor o Regime de Padroado no ultramar português, que concedia ao rei de Portugal, pelo próprio Romano Pontífice, o encargo de “chefe e padroeiro de todas as igrejas nas possessões portuguesas ultramarinas, com responsabilidades eclesiásticas extremamente abrangentes” (KUHNNEN, 2005, p. 25). Assim, cabia a D. Manuel, rei de Portugal, os direitos e domínio eclesiástico no país.

Nesse cenário vale destacar também um marco histórico que influenciou diretamente o catolicismo no Brasil, segundo Banza e Gonçalves (2018, p. 43), “o estabelecimento da Companhia de Jesus em Portugal, em 1540, pela influência notória dos Jesuítas na educação, em Portugal, e na expansão da língua nas novas possessões ultramarinas, sobretudo no Oriente e no Brasil”.

Durante os primeiros séculos após a chegada dos europeus ao Brasil, a igreja católica se fez presente em diversos contextos, marcando fortemente o cotidiano brasileiro. Isso se deu, principalmente, por meio da evangelização – destacando-se, nesse âmbito, o processo imposto aos indígenas que viviam no Brasil durante a vinda da Companhia de Jesus; pela abertura de igrejas nos novos municípios; e pela participação geral na organização e formação territorial brasileira. Por muito tempo, aliás, questões políticas e religiosas influenciavam-se mutuamente.

Quando, em 1759, os jesuítas foram expulsos do Brasil pelo Marquês de Pombal, ocorre um enfraquecimento da influência católica em diversas perspectivas sociais, inclusive no âmbito linguístico uma vez que não era mais da competência jesuítica o ensino de língua e o intercâmbio entre as línguas indígenas e portuguesa. Pombal também proíbe o uso e o ensino da língua Tupi no Brasil. Em consequência disso, alguns nomes indígenas e alguns nomes (portugueses) religiosos foram excluídos da toponímia brasileira. No que refere a exclusão de nomes religiosos católicos, é possível citar, por exemplo, o caso de São Sebastião do Rio de Janeiro, que passou a se chamar Rio de Janeiro (IBGE CIDADES³).

Apenas após a proclamação da República, em 1890, é que foi decretada a separação entre Igreja e Estado, e, com isso, o Estado passa a ser entendido como uma instituição laica e a liberdade religiosa torna-se, legalmente, um direito de todos. Porém, continua evidente, até os dias atuais, o preconceito em relação às religiões que não se inserem no cristianismo.

Há que se considerar que o catolicismo foi hegemônico por mais de 400 anos e desde o início de sua implantação influenciou profundamente vários setores da sociedade. O processo histórico de formação do Brasil fez com que o país se tornasse uma das nações com maior número de professantes católicos. Esse quadro, no entanto, tem se alterado no decorrer dos anos, como apontam os dados dos censos do IBGE. Por exemplo, segundo o Anuário Estatístico do Brasil (1946, p. 31-49)⁴ referente ao censo

³ Informações retiradas do site: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/rio-de-janeiro/historico>. Acesso em: 03 set. 2020.

⁴ Informações retiradas do site https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb_1946.pdf. Acesso em: 08 maio 2020. ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO BRASIL. RIO DE JANEIRO: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1946.

de 1940, a população geral do Brasil era de 41.236.315, desses, 39.177.880 se consideravam católicos, ou seja, 95% da população brasileira nesse recorte temporal era praticante do catolicismo. Já, o Censo de 2010, registra uma população de 190.732.694⁵ de pessoas e, dessas, 123.840.953⁶ se consideram católicas, aproximadamente 65% da população.

Ainda de acordo com o Censo Demográfico do IBGE (2010), houve um crescimento da diversidade de grupos religiosos no Brasil e o número de católicos seguiu a tendência de redução como já havia sido verificado nas duas décadas anteriores (décadas de 80 e 90). Entretanto, o catolicismo ainda permanece como religião majoritária no Brasil.

A religião é um exemplo de vivência concreta dos indivíduos e um dos itens mais significativos da cultura humana. Se é consenso que aspectos da cultura estão refletidos na língua, há que se esperar que no processo de nomeação dos espaços – que é uma operação linguística – a religiosidade esteja refletida de forma significativa.

2. A religiosidade na toponímia brasileira

De acordo com a terminologia utilizada por Dick (1990a, p. 310-311), a toponímia de origem religiosa recebe, genericamente, o nome de *hierotoponímia*. Nessa categoria estão os “nomes sagrados de diferentes crenças, de associações religiosas e de seus membros, locais de culto, além de datas ou efemérides relativas a tais circunstâncias”. Aos topônimos que são nomes de santos e de santas do hagiológico romano a autora chama de *hagiotopônimos*, e, quando os nomes geográficos lembram entidades mitológicas, são chamados de *mitotopônimos*.

Essa terminologia para classificação da motivação dos topônimos integra um modelo com 27 categorias divididas em dois grupos – taxionomias⁷ de natureza física e taxionomias de natureza antropocultural⁸. Os termos relativos à religiosidade integram a

⁵Informações retiradas do site: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?busca=1&id=3&idnoticia=1766&t=censo-2010-populacao-brasil-190-732-694-pessoas&view=noticia>. Acesso em: 08 maio 2020.

⁶ Informações retiradas do site: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/137#resultado>. Acesso em: 08 maio 2020.

⁷ As taxionomias são, conforme esclarece Biderman (1998, p. 13), “sistemas classificatórios engendrados segundo modelos científicos”.

⁸ A versão mais atual do modelo está em Dick (1990, p. 31-34).

divisão das taxionomias que classificam os topônimos motivados por aspectos antropoculturais.

Conforme registra Dick (1990a, p.311-317), “o Brasil nasceu sob o signo da Cruz e da Fé, e é justamente nesses elementos que se deve ir buscar as raízes da toponímia religiosa nacional [...]”. A autora lembra também que um dos motivos que impulsionaram as grandes navegações era propagar o “Santo Nome de Cristo” e levar aos povos pagãos os ensinamentos cristãos. No caso do Brasil, uma das ações mais conhecidas, no início da colonização, foi a catequização dos indígenas, o que teria como objetivo “salvar a alma desses povos”. Isso porque, para os Jesuítas, os nativos eram considerados seres sem alma que, apenas com a conversão ao Cristianismo, poderiam ser salvos. Além disso, era necessário divulgar o catolicismo para toda a sociedade que começava se constituir no novo território. Nesse sentido, diante das explicações dessa toponimista brasileira, entende-se por que a prática de se atribuírem nomes religiosos aos espaços, de fato, poderia contribuir para a divulgação dos objetivos catequéticos dos colonizadores ou também demarcar posse territorial da Igreja.

Também sobre a *práxis* de se batizarem os elementos geográficos com nomes pertencentes ao hagiológico romano, Kuhnen (2005, p. 178 - 179) pontua:

Gonçalo Coelho e Américo Vespúcio, nomeando os pontos geográficos mais significativos da costa, criaram uma toponímia hagiográfica, tipicamente cristã. [...] o capitão da Esquadra, Gonçalo Coelho, saíra com o calendário hagiográfico e litúrgico na mão, e, em cada lugar que topava, batizava-o com o nome do santo do dia correspondente.

Assim, a tradição de se atribuírem nomes religiosos, do catolicismo, é uma das heranças culturais deixadas no Brasil pelos colonizadores europeus. Especialmente nomes de santos e santas do hagiológico católico são encontrados em qualquer recorte de toponímia que se toma para estudo em território brasileiro.

De acordo com Dick (1990b, p.109), a “estrutura hagiotonomímica” está entre as mais concorridas da onomástica brasileira. É preciso considerar, entretanto, que nem sempre é a motivação religiosa que estará por trás desse tipo de topônimo. A autora relata o exemplo do município de *São Manoel* (SP), próximo a Botucatu, cujo fundador foi Manuel Gomes de Farias, grande proprietário de terras da região. São Manoel ganhou, no município, uma capela e o título de padroeiro. Em trabalho posterior, sobre

a toponímia das ruas da cidade de São Paulo, a mesma autora, tomando o exemplo da Rua *Nova de São José*, explica

[...] a denominação talvez não tivesse como causa a devoção ao santo, e, sim, a homenagem ao governador, responsável pela abertura da via. Como era de costume – e até hoje isso pode ocorrer – colocava o fundador ou colonizador da área em questão o seu próprio nome no local, e por sinal de suposta modéstia, fazia-o anteceder do determinante “santo” ou “são”. Com isso atingia-se uma dupla finalidade: a preservação da memória do fundador; e a homenagem a um santo, conforme determinação da Igreja, que poderia ser, ou não, de devoção daquele (DICK, 1996, p.182-183).

Ainda que a pesquisa diacrônica possa revelar que a motivação dos nomes não tenha sido a real devoção religiosa – e isso foi verificado em alguns dos designativos que compõem o *corpus* desta pesquisa – quando o topônimo é mencionado, é o motivo religioso que prevalece. Além disso, parece complexo afirmar, com segurança, se determinado nome antecedido por “são” ou “santo(a)” tem motivação apenas política ou apenas religiosa. Em razão disso, este estudo não se propôs a conferir a motivação religiosa dos nomes analisados uma vez que, apesar de alguns recuos históricos necessários para a compreensão dos topônimos, a perspectiva da pesquisa é, especialmente, sincrônica uma vez que o recorte para o estudo inclui apenas os nomes atuais dos municípios.

Além da motivação dos nomes dos lugares, as pesquisas toponímicas costumam analisar os designativos quanto à sua estrutura linguística. Dick (1990b, p. 10) explica que um sintagma toponímico é formado por um termo genérico (objeto da nomeação, como por exemplo rua, lagoa, município) + termo específico (nome particular do objeto nomeado, como exemplo Piquiri, São Bento, Ivaí). Nos casos da toponímia referente a municípios, a enunciação do termo ou elemento genérico é menos frequente em relação à toponímia de elementos físicos, por exemplo. Assim, diz-se *São Paulo* (SP), *Santa Rita do Pardo* (MS), *São José dos Pinhais* (PR) – para os municípios a que se referem – e *Córrego Félix Cuê* (MS), *Rio Tibagi* (PR), *Morro do Gavião* (PR) (para os acidentes físicos a que se referem).

O elemento específico ou o topônimo propriamente dito, quanto a sua estrutura formal, pode ser *simples*, se formado por apenas um elemento; *composto*, se constituído

por dois ou mais elementos; e *híbrido*, se apresentar elementos de procedência linguística distinta.

Outra questão a ser analisada pelo pesquisador são os supostos estratos linguísticos que podem ser evidenciados na toponímia. No caso do Brasil, quando se estabelece um recorte toponímico relativo a várias e distintas áreas geográficas, é efetiva a presença de línguas indígenas, especialmente do Tupi, nos topônimos. A propósito, quando se encontram topônimos com formações híbridas, na maioria das vezes, um dos formantes da composição é de origem indígena.

Em relação à hagiotoponímia relativa aos municípios brasileiros, também há diversos casos em que é acrescido ao hagiônimo um vocábulo indígena. Há registros, na história do país, sobre a prática, na época da colonização, de se adicionar um nome de santo ou santa aos designativos já atribuídos pelos indígenas. Dessa forma, ficavam batizadas as localidades com um nome de santo (a) + um vocábulo indígena. Esse costume se estendeu durante os séculos seguintes, o que pode ser visualizados nos nomes dos municípios analisados neste estudo.

Dick (1990b, p.160) já havia constatado, há algumas décadas, que o estado de Minas Gerais é o que tem maior incidência de *hagiotopônimos*, seguidos por Mato Grosso, Pará, Bahia, Amazonas, Goiás, Paraná, São Paulo e Maranhão. A pesquisadora, para chegar a esses resultados, analisou diferentes tipos de acidentes físicos e humanos. Ao que consta, a partir dos seus dados, não foi verificada a existência de “áreas toponímicas” – ou seja, de “[...] zonas demarcadas pela maior concentração de uma mesma tipologia classificatória [...]” (DICK, 1990b, p. 57) – no que se refere à incidência de nomes de santas e santos.

Além do panorama toponímico brasileiro oferecido por Dick, em 1980, que inclui, obviamente a hagiotoponímia, mais recentemente, outros pesquisadores em diferentes universidades, empreenderam pesquisas relativas a recortes mais específicos em estudos de mestrado e de doutorado⁹.

⁹ Para ilustrar, em 2014, por exemplo, Ana Paula Mendes Alves de Carvalho apresenta, na UFMG, a tese *Hagiotoponímia em Minas Gerais*, na qual analisa 5.649 hagiopônimos; Priscila do Nascimento Ribeiro Rezende defende, pela UFMS, em 2015, a dissertação *A Religiosidade na Toponímia Urbana de Campo Grande/MS: Entrelaçamentos históricos e linguísticos*, que investiga 225 topônimos; em 2016, Mayra Raelly da Costa Silva Saar defende, na UFAC, a dissertação *Toponímia e religião: a contribuição nordestina na nomeação de espaços geográficos acreanos*, e considera, para seu estudo, 269 nomes; já em 2018, Anna Carolina Chierotti dos Santos Ananias defende na UEL, sua pesquisa de doutorado

As referências religiosas na toponímia têm se mostrado um campo fértil para pesquisas e podem ser vistas de diferentes perspectivas, o que demonstra o anseio do homem em perpetuar, nos nomes próprios de localidade, sua crença e sua fé. Esse aspecto testemunha como as referências a que estão sujeitos os indivíduos se refletem na forma de nomear o mundo.

3. Apresentação e análise dos dados

O Brasil é o maior país em extensão territorial da América do Sul, composto por 26 estados mais um Distrito Federal. Considerando as cinco regiões brasileiras – Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul, estão distribuídos nessa área 5.570 municípios.

Como já referido, o Brasil vem de uma ascendência cristã católica dominante durante séculos, trazida pelos colonizadores europeus. Constituindo-se a toponímia de determinada região o reflexo cultural-físico-social do cotidiano dos que ela habita, a utilização de termos de origem religiosa na denominação dos lugares, nesse cenário, ocorreu de forma intensa. Em especial, na utilização de nomes de santos e santas, figuras expressivas na fé católica.

Diversos municípios tiveram seus topônimos trocados no decorrer dos anos. Para citar alguns exemplos, *São Gonçalo do Amarante* (CE) já foi *Anacetaba*; *São Vicente Férrer* (PE), *Macaparana*; *Santa Tereza* (RS), *Aratinga*; *Santa Rosa de Viterbo* (SP), *Ibiquara*. Assim, considerando-se apenas a macrotoponímia brasileira atual (relativa aos 5.570 municípios), chegou-se a um total de 549 *hagiotopônimos*, ou seja, aproximadamente 9,9%.

intitulada *Marcas de religiosidade impressas na toponímia paranaense* na qual analisa 9.412 topônimos; no mesmo ano, Larissa Ferreira de Souza defende a dissertação *A presença da religiosidade na toponímia: um estudo interdisciplinar sobre os bairros de Anápolis (GO)* na UEG, em que investiga 60 topônimos; em 2019, na UFG, Lidiane Silva Araújo Guimarães, apresenta a dissertação *Os aspectos culturais na toponímia: hagiotopônimos da região de Piracanjuba-GO no século XIX*, em que trata de 51 topônimos.

3.1. Os hagiotopônimos por regiões e estados brasileiros

No Quadro 1, a seguir, apresentam-se os hagiotopônimos identificados e coletados já distribuídos por regiões e estados.

Quadro 1 – Distribuição dos hagiotopônimos entre as regiões e estados brasileiros

Acre	<i>Santa Rosa do Purus</i>
Amapá	<i>Santana</i>
Amazonas	<i>Santa Isabel do Rio Negro, Santo Antônio do Içá, São Gabriel da Cachoeira, São Paulo de Olivença, São Sebastião do Uatumã</i>
Pará	<i>Santa Bárbara do Pará, Santa Izabel do Pará, Santa Luzia do Pará, Santa Maria das Barreiras, Santa Maria do Pará, Santana do Araguaia, Santo Antônio do Tauá, São Caetano de Odivelas, São Domingos do Araguaia, São Domingos do Capim, São Félix do Xingu, São Francisco do Pará, São Geraldo do Araguaia, São João da Ponta, São João de Pirabas, São João do Araguaia, São Miguel do Guamá, São Sebastião da Boa Vista</i>
Rondônia	<i>Santa Luzia D'Oeste, São Felipe D'Oeste, São Francisco do Guaporé, São Miguel do Guaporé</i>
Roraima	<i>São João da Baliza, São Luiz</i>
Tocantins	<i>Santa Maria do Tocantins, Santa Rita do Tocantins, Santa Rosa do Tocantins, Santa Tereza do Tocantins, Santa Terezinha do Tocantins, São Bento do Tocantins, São Félix do Tocantins, São Miguel do Tocantins, São Salvador do Tocantins, São Sebastião do Tocantins, São Valério</i>
Alagoas	<i>Santa Luzia do Norte, Santana do Ipanema, Santana do Mundaú, São Brás, São José da Laje, São José da Tapera, São Luís do Quitunde, São Miguel dos Campos, São Miguel dos Milagres, São Sebastião</i>
Bahia	<i>Santa Bárbara, Santa Brígida, Santa Inês, Santa Luzia, Santa Maria da Vitória, Santa Rita de Cássia, Santa Teresinha, Santaluz, Santana, Santo Amaro, Santo Antônio de Jesus, Santo Estêvão, São Desidério, São Domingos, São Felipe, São Félix, São Félix do Coribe, São Francisco do Conde, São Gabriel, São Gonçalo dos Campos, São José da Vitória, São José do Jacuípe, São Miguel das Matas, São Sebastião do Passé</i>
Ceará	<i>Santa Quitéria, Santana do Acaraú, Santana do Cariri, São Benedito, São Gonçalo do Amarante, São João do Jaguaribe, São Luís do Curu</i>
Maranhão	<i>Santa Filomena do Maranhão, Santa Helena, Santa Inês, Santa Luzia, Santa Luzia do Paruá, Santa Quitéria do Maranhão, Santa Rita, Santana do Maranhão, Santo Amaro do Maranhão, Santo Antônio dos Lopes, São Benedito do Rio Preto, São Bento, São Bernardo, São Domingos do Azeitão, São Domingos do Maranhão, São Félix de Balsas, São Francisco do Brejão, São Francisco do Maranhão, São João Batista, São João do Carú, São João do Paraíso, São João do Soter, São João dos Patos, São José de Ribamar, São José dos Basílios, São Luís, São Luís Gonzaga do Maranhão, São Mateus do Maranhão, São Pedro da Água Branca, São Pedro dos Crentes, São Raimundo das Mangabeiras, São Raimundo do Doca Bezerra, São Roberto, São Vicente Ferrer</i>
Paraíba	<i>Santa Cecília, Santa Helena, Santa Inês, Santa Luzia, Santa Rita, Santa Teresinha, Santana de Mangueira, Santana dos Garrotes, Santo André, São Bentinho, São Bento, São Domingos, São Domingos do Cariri, São</i>

	<i>Francisco, São João do Cariri, São João do Rio do Peixe, São João do Tigre, São José da Lagoa Tapada, São José de Caiana, São José de Espinharas, São José de Piranhas, São José de Princesa, São José do Bonfim, São José do Brejo do Cruz, São José do Sabugi, São José dos Cordeiros, São José dos Ramos, São Mamede, São Miguel de Taipu, São Sebastião de Lagoa de Roça, São Sebastião do Umbuzeiro, São Vicente do Seridó</i>
Pernambuco	<i>Santa Filomena, Santa Maria da Boa Vista, Santa Maria do Cambucá, Santa Terezinha, São Benedito do Sul, São Bento do Uma, São Caitano, São João, São Joaquim do Monte, São José da Coroa Grande, São José do Belmonte, São José do Egito, São Lourenço da Mata, São Vicente Ferrer</i>
Piauí	<i>Santa Filomena, Santa Luz, Santa Rosa do Piauí, Santana do Piauí, Santo Antônio de Lisboa, Santo Antônio dos Milagres, Santo Inácio do Piauí, São Braz do Piauí, São Félix do Piauí, São Francisco de Assis do Piauí, São Francisco do Piauí, São Gonçalo do Gurguéia, São Gonçalo do Piauí, São João da Canabrava, São João da Fronteira, São João da Serra, São João da Varjota, São João do Arraial, São João do Piauí, São José do Divino, São José do Peixe, São José do Piauí, São Julião, São Lourenço do Piauí, São Luís do Piauí, São Miguel da Baixa Grande, São Miguel do Fidalgo, São Miguel do Tapuio, São Pedro do Piauí, São Raimundo Nonato</i>
Rio Grande do Norte	<i>Santa Maria, Santana do Matos, Santana do Seridó, Santo Antônio, São Bento do Norte, São Bento do Trairí, São Fernando, São Francisco do Oeste, São Gonçalo do Amarante, São João do Sabugi, São José de Mipibu, São José do Campestre, São José do Seridó, São Miguel, São Miguel do Gostoso, São Paulo do Potengi, São Pedro, São Rafael, São Tomé, São Vicente</i>
Sergipe	<i>Santa Luzia do Itanhy, Santa Rosa de Lima, Santana do São Francisco, Santo Amaro das Brotas, São Cristóvão, São Domingos, São Francisco, São Miguel do Aleixo</i>
Goiás	<i>Santa Bárbara de Goiás, Santa Helena de Goiás, Santa Isabel, Santa Rita do Araguaia, Santa Rita do Novo Destino, Santa Rosa de Goiás Santa Tereza de Goiás, Santa Terezinha de Goiás, Santo Antônio da Barra, Santo Antônio de Goiás, Santo Antônio do Descoberto, São Domingos, São Francisco de Goiás, São João da Paraúna, São João d'Aliança, São Luís de Montes Belos, São Luiz do Norte, São Miguel do Araguaia, São Miguel do Passa Quatro, São Patrício, São Simão</i>
Mato Grosso	<i>Santa Carmem, Santa Rita do Trivelato, Santa Terezinha, Santo Afonso, Santo Antônio do Leste, Santo Antônio do Leverger, São Félix do Araguaia, São José do Povo, São José do Rio Claro, São José do Xingu, São José dos Quatro Marcos, São Pedro da Cipa</i>
Mato Grosso do Sul	<i>Santa Rita do Pardo, São Gabriel do Oeste</i>
Espirito Santo	<i>Santa Leopoldina, Santa Maria de Jetibá, Santa Teresa, São Domingos do Norte, São Gabriel da Palha, São José do Calçado, São Mateus, São Roque do Canaã</i>
Minas Gerais	<i>Santa Bárbara, Santa Bárbara do Leste, Santa Bárbara do Monte Verde, Santa Bárbara do Tugúrio, Santa Efigênia de Minas, Santa Helena de Minas, Santa Juliana, Santa Luzia, Santa Margarida, Santa Maria de Itabira, Santa Maria do Salto, Santa Maria do Suaçuí, Santa Rita de Caldas, Santa Rita de Ibitipoca, Santa Rita de Jacutinga, Santa Rita de Minas, Santa Rita do Itueto, Santa Rita do Sapucaí, Santa Rosa da Serra, Santa Vitória, Santana da</i>

	<i>Vargem, Santana de Cataguases, Santana de Pirapama, Santana do Deserto, Santana do Garambéu, Santana do Jacaré, Santana do Manhuaçu, Santana do Paraíso, Santana do Riacho, Santana dos Montes, Santo Antônio do Amparo, Santo Antônio do Aventureiro, Santo Antônio do Gramma, Santo Antônio do Itambé, Santo Antônio do Jacinto, Santo Antônio do Monte, Santo Antônio do Retiro, Santo Antônio do Rio Abaixo, Santo Hipólito, São Bento Abade, São Brás do Suaçuí, São Domingos das Dores, São Domingos do Prata, São Félix de Minas, São Francisco, São Francisco de Paula, São Francisco de Sales, São Francisco do Glória, São Geraldo, São Geraldo da Piedade, São Geraldo do Baixio, São Gonçalo do Abaeté, São Gonçalo do Pará, São Gonçalo do Rio Abaixo, São Gonçalo do Rio Preto, São Gonçalo do Sapucaí, São Gotardo, São João Batista do Glória, São João da Lagoa, São João da Mata, São João da Ponte, São João das Missões, São João del Rei, São João do Manhuaçu, São João do Manteninha, São João do Oriente, São João do Pacuí, São João do Paraíso, São João Evangelista, São João Nepomuceno, São Joaquim de Bicas, São José da Barra, São José da Lapa, São José da Safira, São José da Varginha, São José do Alegre, São José do Divino, São José do Goiabal, São José do Jacuri, São José do Mantimento, São Lourenço, São Miguel do Anta, São Pedro da União, São Pedro do Suaçuí, São Pedro dos Ferros, São Romão, São Roque de Minas, São Sebastião da Bela Vista, São Sebastião da Vargem Alegre, São Sebastião do Anta, São Sebastião do Maranhão, São Sebastião do Oeste, São Sebastião do Paraíso, São Sebastião do Rio Preto, São Sebastião do Rio Verde, São Thomé das Letras, São Tiago, São Tomás de Aquino, São Vicente de Minas</i>
Rio de Janeiro	<i>Santa Maria Madalena, Santo Antônio de Pádua, São Fidélis, São Francisco de Itabapoana, São Gonçalo, São João da Barra, São João de Meriti, São José de Ubá, São José do Vale do Rio Preto, São Pedro da Aldeia, São Sebastião do Alto</i>
São Paulo	<i>Santa Adélia, Santa Albertina, Santa Bárbara d'Oeste, Santa Branca, Santa Clara d'Oeste, Santa Ernestina, Santa Gertrudes, Santa Isabel, Santa Lúcia, Santa Maria da Serra, Santa Mercedes, Santa Rita do Passa Quatro, Santa Rita d'Oeste, Santa Rosa de Viterbo, Santa Salete, Santana da Ponte Pensa, Santana de Parnaíba, Santo Anastácio, Santo André, Santo Antônio da Alegria, Santo Antônio de Posse, Santo Antônio do Aracanguá, Santo Antônio do Jardim, Santo Antônio do Pinhal, Santo Expedito, São Bento do Sapucaí, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, São Carlos, São Francisco, São João da Boa Vista, São João das Duas Pontes, São João de Iracema, São João do Pau d'Alho, São Joaquim da Barra, São José da Bela Vista, São José do Barreiro, São José do Rio Pardo, São José do Rio Preto, São José dos Campos, São Lourenço da Serra, São Luiz do Paraitinga, São Manuel, São Miguel Arcanjo, São Paulo, São Pedro, São Pedro do Turvo, São Roque, São Sebastião, São Sebastião da Gramma, São Simão, São Vicente</i>
Paraná	<i>Santa Amélia, Santa Cecília do Pavão, Santa Helena, Santa Inês, Santa Isabel do Ivaí, Santa Izabel do Oeste, Santa Lúcia, Santa Maria do Oeste, Santa Mariana, Santa Mônica, Santa Tereza do Oeste, Santa Terezinha de Itaipu, Santana do Itararé, Santo Antônio da Platina, Santo Antônio do Caiuá, Santo Antônio do Paraíso, Santo Antônio do Sudoeste, Santo Inácio, São Carlos do Ivaí, São Jerônimo da Serra, São João, São João do Caiuá, São João do Ivaí, São João do Triunfo, São Jorge do Ivaí, São Jorge do Patrocínio, São Jorge d'Oeste, São José da Boa Vista, São José das Palmeiras, São José dos Pinhais,</i>

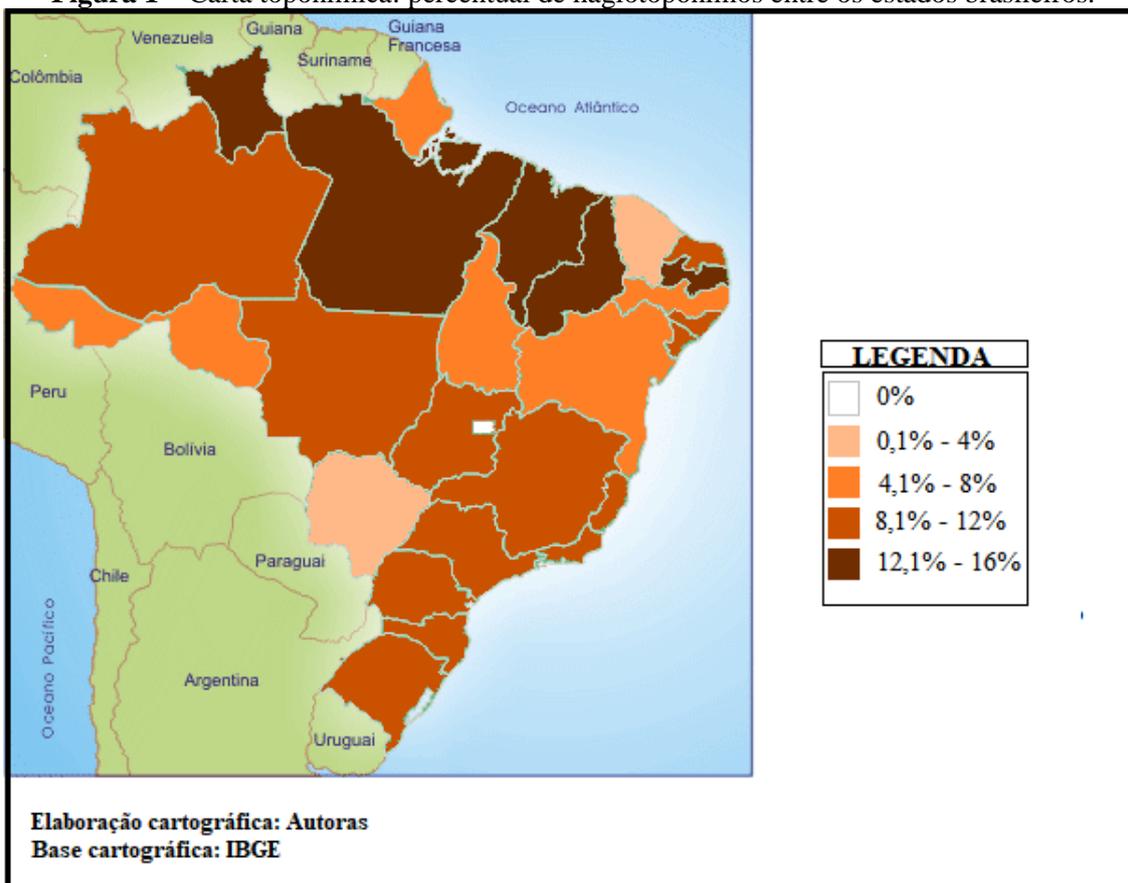
	<i>São Manoel do Paraná, São Mateus do Sul, São Miguel do Iguçu, São Pedro do Iguçu, São Pedro do Ivaí, São Pedro do Paraná, São Sebastião da Amoreira, São Tomé</i>
Rio Grande do Sul	<i>Santa Bárbara do Sul, Santa Cecília do Sul, Santa Clara do Sul, Santa Margarida do Sul, Santa Maria, Santa Maria do Herval, Santa Rosa, Santa Tereza, Santa Vitória do Palmar, Santana da Boa Vista, Sant'Ana do Livramento, Santiago, Santo Ângelo, Santo Antônio da Patrulha, Santo Antônio das Missões, Santo Antônio do Palma, Santo Antônio do Planalto, Santo Augusto, Santo Expedito do Sul, São Borja, São Domingos do Sul, São Francisco de Assis, São Francisco de Paula, São Gabriel, São Jerônimo, São João da Urtiga, São João do Polêsine, São Jorge, São José das Missões, São José do Herval, São José do Hortêncio, São José do Inhacorá, São José do Norte, São José do Ouro, São José do Sul, São José dos Ausentes, São Leopoldo, São Lourenço do Sul, São Luiz Gonzaga, São Marcos, São Martinho, São Martinho da Serra, São Miguel das Missões, São Nicolau, São Paulo das Missões, São Pedro da Serra, São Pedro das Missões, São Pedro do Butiá, São Pedro do Sul, São Sebastião do Caí, São Sepé, São Valentim, São Valentim do Sul, São Valério do Sul, São Vendelino, São Vicente do Sul</i>
Santa Catarina	<i>Santa Cecília, Santa Helena, Santa Rosa de Lima, Santa Rosa do Sul, Santa Terezinha, Santa Terezinha do Progresso, Santiago do Sul, Santo Amaro da Imperatriz, São Bento do Sul, São Bernardino, São Bonifácio, São Carlos, São Cristovão do Sul, São Domingos, São Francisco do Sul, São João Batista, São João do Itaperiú, São João do Oeste, São João do Sul, São Joaquim, São José, São José do Cedro, São José do Cerrito, São Lourenço do Oeste, São Ludgero, São Martinho, São Miguel da Boa Vista, São Miguel do Oeste, São Pedro de Alcântara</i>

Fonte: Elaborado pelas autoras

Observando-se o Quadro 1, é possível verificar que todos os estados brasileiros possuem ao menos um *hagiotopônimo* entre seus municípios, e apenas no Distrito Federal não houve ocorrência dessa categoria de nome, provavelmente por tratar-se de cidade projetada. Nota-se que, em termos de quantidade absoluta, os estados de Minas Gerais e Rio Grande do Sul se destacam, e que, além disso, a distribuição por estado é bastante desigual, entretanto é preciso considerar que o número de municípios por unidade federativa é bastante distinto.

Por essa razão, apresenta-se a Figura 01, que leva em conta a ocorrência dessa categoria de nomes em termos percentuais. A carta toponímica é de base monocromática e apresenta por sua escala de cores as regiões com maior frequência hagiotoponímica entre os municípios.

Figura 1 – Carta toponímica: percentual de hagiotopônimos entre os estados brasileiros.



Fonte: Elaborado pelas autoras

Verifica-se, por essa figura, que há maior frequência da nomeação de municípios inspirada em santos e santas, em estados pertencentes ao Norte e ao Nordeste do País. Os estados que obtiveram entre 12,1% e 16% foram: Maranhão 15,7%; Paraíba 14,3%; Piauí 13,4%; Roraima 13,3% e Pará 12,5%. Eles possuem como características comuns, além da invasão dos portugueses por dentro suas terras durante sua ocupação territorial no período colonial, o fato de, excetuando a Paraíba, pertencerem ao estado Grão-Pará e Maranhão, antiga unidade administrativa portuguesa referente à divisão territorial do Brasil, locais em que ocorreram a missão Jesuítica. Sobre essa questão, para Santos e Sousa (2017, p. 8), “A prática missionária desenvolvida no Maranhão e Grão-Pará durante os séculos XVII-XVIII constituiu o ensino doutrinário nas aldeias e a educação dos filhos dos colonos portugueses e de outros religiosos”. Conforme explica Costa (2014 p. 26), as missões religiosas presentes na região tiveram como um dos objetivos,

renomear os espaços geográficos, que possuíam nomes indígenas, com hagiônimos romanos.

Cabe ressaltar que, no período subsequente a esse, o processo de urbanização proposto por Marquês de Pombal (1750-1777) visou novamente substituir os topônimos que eram também nomes de santos e santas por outros de motivação lusitana. Nessa região geográfica, a tentativa de apagamento da presença dos jesuítas foi muito intensa, sobretudo, porque o governador do Grão-Pará, à época, era irmão do Marquês de Pombal, e, por isso, estava ainda mais alinhado aos objetivos do governo pombalino. Por isso, pode-se pressupor que a frequência hagiotoponímica nessa região era ainda mais intensa antes desse período.

O segundo grupo de estados retratado na Figura 1 possui o índice percentual entre 8,1% e 12% de frequência e estão distribuídos entre as cinco regiões brasileiras. Nesse grupo, os estados onde mais se encontram *hagiotopônimos* na macrotoponímia, são, por ordem decrescente: Rio de Janeiro e Rio Grande do Norte com 12,0% cada; Minas Gerais 11,6%; Rio Grande do Sul 11,3%; Sergipe 10,7%; Espírito Santo 10,3%; Alagoas e Santa Catarina com 9,8% cada; Paraná 9,5%; Goiás 8,5%; Mato Grosso 8,5% e Amazonas e São Paulo com 8,1% cada.

Já com o total de ocorrências entre 4,1% e 8% estão os estados seguintes: Tocantins 7,9%; Rondônia 7,7%; Pernambuco 7,6%; Amapá 6,3%; Bahia 5,8% e Acre 4,5%. Esses estados são pertencentes às regiões Norte e Nordeste do Brasil. E, por fim, os estados com menor motivação hagiotoponímica entre seus municípios são o Ceará com 3,8% e o Mato Grosso do Sul com 2,5%.

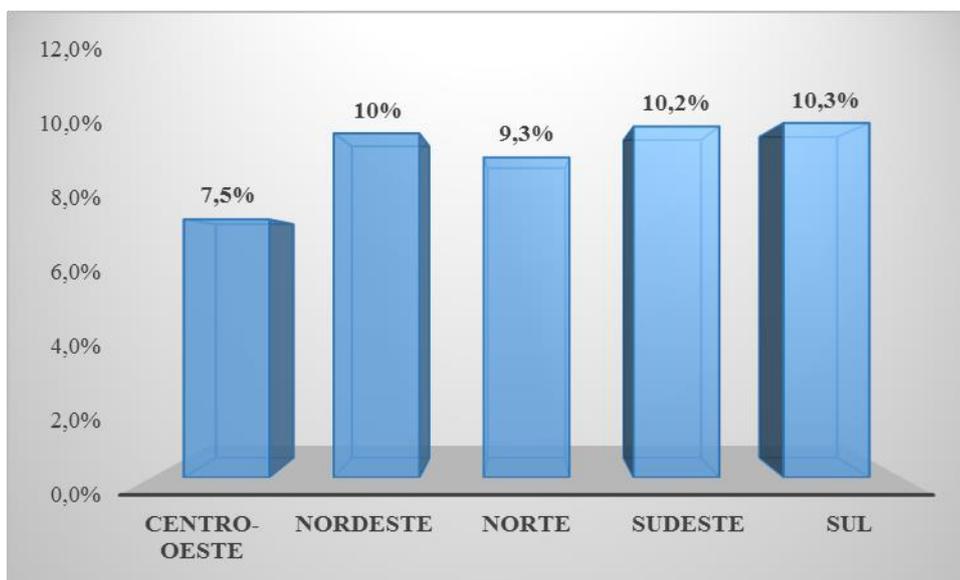
De modo geral, foi possível recuperar algumas informações históricas relativas a fatos que poderiam ter contribuído para uma incidência maior de *hagiotopônimos* em alguns estados, como se fez com aqueles que contam com índices entre 12,1% e 16%. Em relação aos demais, procurou-se verificar, por exemplo, se o período de povoamento ou data da emancipação seria uma variável que pudesse explicar o maior ou menor índice percentual de nomes de santos e santas, mas isso não se confirmou. Mato Grosso do Sul, que teve o menor percentual de *hagiotopônimos*, é o segundo estado mais jovem quanto à emancipação política, que só ocorreu em 1977; o Ceará, emancipado como estado desde 1799, obteve percentual semelhante.

Observando-se, então, os períodos de início de formação/colonização e de emancipação política, constata-se que a motivação hagiotoponímica é uma constante no Brasil, estando presente em todas as épocas e em todos os estados em maior ou menor proporção quando a questão é a nomeação dos municípios.

A história atesta que durante a constituição e povoamento do país, como já mencionado neste texto, a Igreja Católica sempre esteve presente com várias ações que pudessem garantir sua hegemonia. Observando as informações que o IBGE registra sobre os estados, verificou-se, para citar apenas alguns exemplos, a permanência da Companhia de Jesus no Maranhão, dos Missionários Carmelitas no Amazonas, dos Padres Jesuítas em Goiás, dos padres Beneditinos no Ceará. A presença desses e de outros grupos religiosos por todo o país se constitui como um dos fatores que podem ter influenciado a adoção de topônimos que refletem a religiosidade.

Ainda que a carta apresentada na Figura 1 demonstre maior ocorrência de hagiotopônimos em estados do Norte e do Nordeste, quando os dados são contabilizados proporcionalmente por região, constata-se que a distribuição é semelhante entre as regiões. Observa-se um índice menor apenas no Centro-Oeste, conforme se verifica no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Distribuição de *hagiotopônimos* entre municípios pertencentes às regiões brasileiras



Fonte: Elaborado pelas autoras

O gráfico demonstra que a região Sul do Brasil (10,3%) é a que, percentualmente, possui mais hagiotopônimos entre os nomes de seus municípios, do total de 1191 cidades, 123 têm como motivação um hagiônimo. Em seguida, está a região Sudeste (10,2%), com 1668 municípios e desses 170 são classificados como *hagiotopônimos*. Na sequência, encontra-se a região Nordeste (10%), que conta com 179 *hagiotopônimos* entre seus 1794 municípios. O Norte (9,3%), que se constitui de 450 municípios, tem nomes de santos e santas em 42. Já no Centro-Oeste (7,5%), apenas 35 dos 467 municípios têm hagiotopônimos.

3.2 Os santos e santas mais recorrentes no recorte investigado

Os 549 *hagiotopônimos* referentes aos municípios brasileiros, foram motivados por 108 santos ou santas da Igreja Católica. Ou seja, a coleta de dados resultou em 108 topônimos distintos que se repetem na nomeação dos municípios brasileiros. No Quadro 2, na sequência, apresentam-se os dez hagiônimos mais produtivos na macrotoponímia em estudo. Convém esclarecer que foram contabilizados os nomes e suas variações, ou seja, com ou sem acréscimos de outros vocábulos, como será discutido mais adiante neste texto.

Quadro 2 – Quantidade dos hagiônimos mais recorrentes na macrotoponímia brasi

Topônimo distinto e suas variações	Quantidade
<i>São José</i>	60
<i>São João</i>	49
<i>Santo Antônio</i>	34
<i>Santana</i>	29
<i>São Miguel</i>	21
<i>São Francisco, São Sebastião</i>	20
<i>São Pedro</i>	19
<i>Santa Rita</i>	16
<i>Santa Maria</i>	15
<i>São Domingos</i>	14

Fonte: Elaborado pelas autoras

Como se constata pelo Quadro 2, os três hagiônimos mais frequentes são: *São José* e suas variações, com 60 ocorrências; *São João* e suas variações, com 49 ocorrências; e *Santo Antônio* e suas variações, com 34 ocorrências.

Dick (1990, p. 332), lembra que “[...] entre os primeiros cultos de que se tem notícias, no Brasil, foram citados pelo Padre Serafim Leite, [...] os nomes dos apóstolos São Pedro e São Paulo e os de São João Batista e Santo Antônio”. Desses, no recorte investigado pela autora, sobressaiu Santo Antônio, que ficou em segundo lugar em termos quantitativo, atrás apenas de São José. A autora destacou também, em sua pesquisa, *São Francisco, São Sebastião, São Domingos, São Miguel, São Bento, São Lourenço, São Vicente, São Gonçalo, São Luís, São Roque e São Mateus*.

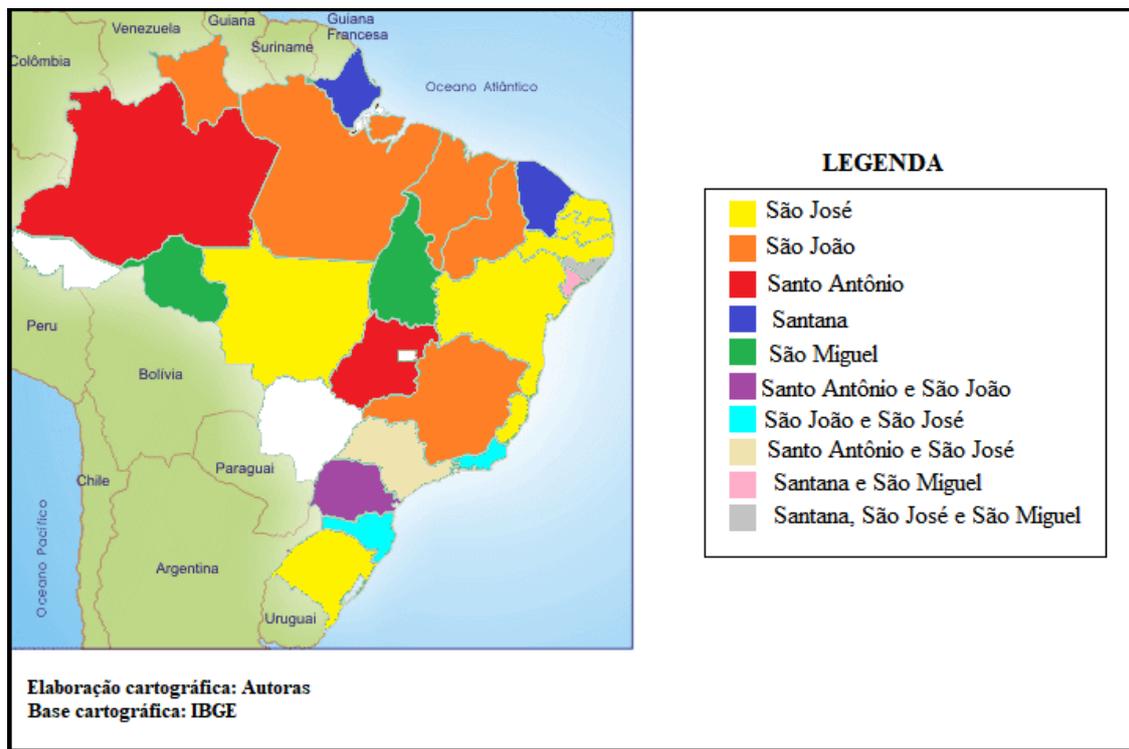
Já em relação aos dados deste estudo, confirmou-se a prevalência de *São José e Santo Antônio* entre os mais produtivos. Os demais nomes de santos do quadro 2 também coincidem com os citados pela autora.

No que se refere aos nomes de santas, Dick (1990a, p. 332) explica que “[...] a dinâmica, tanto quantitativa como qualitativa, é um pouco menor em relação aos apelativos masculinos, recaindo a preferência popular em Santa Ana, sob a forma contracta *Santana*” Alerta, entretanto, que a preferência é de *Santana* desde que se desconsidere *Santa Maria*. Assim, entende-se que, a partir dos dados da autora, *Santa Maria* ocupou a primeira posição e *Santana*, a segunda. Também obtiveram destaque, em seu estudo, *Santa Rita, Santa Rosa, Santa Bárbara, Santa Isabel e Santa Luzia*.

Analisando mais uma vez o Quadro 2, constata-se que os resultados desta pesquisa são semelhantes aos já encontrados pela pesquisadora citada. Entretanto, considerando os dados do recorte investigado agora, *Santana* ficou em primeiro lugar, *Santa Rita* em segundo e *Santa Maria* em terceiro.

Diversos outros santos têm relativo destaque na macrotoponímia analisada, porém, dado os limites deste texto, optou-se por comentar apenas as dez primeiras colocações. Na figura apresentada a seguir, é possível visualizar em quais estados os hagiônimos mais produtivos em termos gerais são mais utilizados como nomes de municípios.

Figura 2 – Carta referente aos santos e santa mais recorrentes na macrotoponímia de cada estado



Fonte: Elaborado pelas autoras

Examinando a carta, é possível depreender duas áreas toponímicas: a de *São João*, que compreende os estados de Roraima, Pará, Amapá, Maranhão, Piauí; a de *São José*, nos estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Bahia.

Observou-se ainda que um quantitativo razoável de nomes tem ocorrência única nesse tipo de toponímia. *Santo Afonso* (santo italiano) e *São Borja* (santo espanhol), que constituem o *corpus* deste estudo, já haviam sido coletados por Dick (1990a, p. 337), que sugere que os registros únicos podem ser justificados pela pouca difusão do culto a esses santos.

A propósito de exemplificar mais alguns casos de hagiônimos encontrados como nome de um único município, citam-se *Santa Juliana* (MG) (santa italiana), *São Gotardo* (MG) (santo alemão), *São Vendelino* (RS) (santo alemão). Nos dois primeiros exemplos, a motivação inicial teria sido a homenagem a pessoas “não santas”. Juliana seria uma referência a pessoa comum da localidade e Gotardo, ao fundador da cidade, como se verifica na sessão de históricos no site do IBGE (cidades).

Conta-se também que os bandeirantes, em suas passagens, encontraram um ribeirão e em sua proximidade havia um casebre de família humilde, cuja mulher tinha o nome de *Juliana* e o apelido de *Santa*. Assim, os bandeirantes deram esse nome ao ribeirão (DESTAQUE DAS AUTORAS)¹⁰.

A vila de São Sebastião do Pouso Alegre teve seu topônimo mudado em 27 de agosto de 1885, para vila de São Gotardo, em memória de *Joaquim Gotardo de Lima*, considerado o fundador da cidade (DESTAQUE DAS AUTORAS)¹¹.

Ainda que existam uma Santa Juliana e um São Gotardo como santos realmente reconhecidos pela Igreja, o culto a eles não é muito difundido no Brasil. Já a devoção a São Vendelino teria sido trazida ao Brasil por imigrantes que vieram da região de Sankt Wendel, na Alemanha. Nesse caso, a devoção também não foi divulgada em outras partes do Brasil, o que justifica a ocorrência única como nomes de municípios.

3.3 A estrutura formal dos topônimos

O topônimo propriamente dito, conforme já mencionado, quanto à sua estrutura formal, pode ser classificado como *simples*, se formado por apenas um elemento; *composto*, se for constituído por dois ou mais elementos; e *híbrido*, se apresentar elementos de procedência linguística distinta.

Os nomes analisados nesta pesquisa já são, inicialmente, compostos por “santo (a)” ou “são” + nome próprio de pessoa; é essa, a propósito, a estrutura de um hagiônimo como *Santo André* (SP), *Santa Bárbara* (BA), *São Luiz* (RR). Já *Santana* (várias ocorrências) poderia ser uma exceção, pois ainda que seja a aglutinação de Santa Ana, sincronicamente configura-se como um nome simples.

A utilização dessa estrutura básica inicial como um *hagiotopônimo* é menos comum. A ela, normalmente, juntam-se outros formantes – reitera-se – para se tornar um designativo geográfico. Isso já foi constatado em outros estudos. Ananias e Isquierdo (2012, p. 395), por exemplo, ao analisarem a toponímia do Oeste Paranaense,

¹⁰ Informações retiradas do site: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/santa-juliana/historico>. Acesso em: 14 set. 2020.

¹¹ Informações retiradas do site: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=35620&view=detalhes>. Acesso em: 14 set. 2020.

verificaram que duas estruturas se destacam nos termos específicos dos sintagmas toponímicos:

1. **nome de santo/a + adjetivo e/ou adjetivo + sintagma nominal:** Santa Helena Velha, São Francisco Falso, São Francisco Falso Braço Norte, São Francisco Falso Braço Sul;
2. **nome de santo/a + sintagma preposicional:** Santa Terezinha de Itaipu, Santa Rita do Oeste, Santa Rosa de Lima, Santa Rosa do Ocoí, São João do Buriti, São José das Palmeiras, São José do Iguaçu, São José do Itavó, São José do Ocoí, São Luiz do Oeste, São Miguel do Iguaçu, São Pedro do Iguaçu, São Pedro do Piquiri, São Roque da Memória e São Roque do Lopeí (ANANIAS E ISQUERDO, 2012, p. 395).

Voltando novamente ao Quadro 1, observa-se que há alguns estados com maior inclinação para nomear seus municípios apenas com hagiônimo, isto é, sem a junção de outro formante ao nome do(a) santo (a). Destaca-se, nesse aspecto, Bahia (dos 24 hagiotopônimos, 14 são constituídos apenas pelo hagiônimo) e Rio Grande do Norte (dos 20 hagiotopônimos, 08 têm apenas o hagiônimo).

Por outro lado, há municípios que priorizam adicionar ao *hagiotopônimo* algum sintagma preposicional que indique, prioritariamente, o estado em que se encontra o município, por exemplo: *São Domingos do Maranhão* (MA). Os estados com maior tendência a adicionar esse sintagma preposicional são os seguintes: Goiás, Maranhão, Minas Gerais, Pará, Piauí e Tocantins. Já, Rio Grande do Sul e Santa Catarina se destacam por acrescentarem aos *hagiotopônimos* a indicação da região do Brasil a que se localiza, por exemplo: *São Cristóvão do Sul*, que fica em Santa Catarina.

Além do nome do estado ou da região onde fica o município, outros tipos de informações também são acrescentados aos hagiônimos. Conforme registro do site do IBGE, em *São Pedro da Cipa* (MT), Cipa seria uma referência à colonizadora da região, Companhia Industrial Pastoril Agrícola – CIPA; em *São Francisco do Conde* (BA), haveria uma homenagem ao Conde de Linhares, que teria determinado a construção de um convento e uma igreja, onde, mais tarde, surgiria a cidade; em *São Miguel do Passa Quatro*, o acréscimo faria menção ao nome de uma fazenda (Fazenda Passa Quatro, que por sua vez, teria sua motivação em um córrego do mesmo nome); em *São Gabriel da Palha* (ES), a referência seria ao fato de que as casas, no início da povoação que deu

origem ao município, eram cobertas por palha. Os exemplos são apenas uma pequena amostra dos diversos acréscimos encontrados nos designativos em estudo.

Convém destacar também que, no que se refere à procedência linguística dos elementos adicionados aos hagiônimos, os vocábulos de origem indígena, sobretudo, de origem tupi, têm ocorrência significativa. Dos 549 designativos em análise, 140, ou seja, 26% têm estrutura híbrida formada por língua portuguesa + língua indígena. No quadro a seguir, é possível visualizar a quantidade e o percentual de designativos com essa estrutura em cada estado. O Quadro 4 está disposto de acordo com a ordem decrescente do percentual de híbrido com nome indígena.

Quadro 4 – Quantidade de *hagiotopônimos* híbridos (com vocábulos indígenas)

ESTADO	TOTAL	HÍBRIDO INDÍGENA	%
Amapá	1	0	0%
Mato Grosso do Sul	2	0	0%
Roraima	2	0	0%
Santa Catarina	29	1	3%
Rio Grande do Sul	56	3	5%
São Paulo	52	5	10%
Bahia	24	3	13%
Espírito Santo	8	1	13%
Sergipe	8	1	13%
Pernambuco	14	2	14%
Mato Grosso	12	2	17%
Minas Gerais	99	21	21%
Paraíba	32	7	22%
Rio de Janeiro	11	3	27%
Alagoas	10	3	30%
Rio Grande do Norte	20	6	30%
Maranhão	34	11	32%
Paraná	38	13	34%
Amazonas	5	2	40%
Goiás	21	10	48%
Piauí	30	15	50%
Rondônia	4	2	50%
Ceará	7	4	57%
Pará	18	14	78%
Tocantins	11	10	91%

Acre	1	1	100%
TOTAL	549	140	26%

Fonte: Elaborado pelas autoras

São exemplos de *hagiotopônimos* híbridos com vocábulos indígenas: *Santo Antônio do Itambé* (MG), *São Miguel de Taipu* (PR), *Santo Antônio do Aracanguá* (SP), *Santa Maria de Jetibá* (ES). É preciso considerar que, em alguns casos, os topônimos são compostos com o acréscimo do nome do estado, como já mencionado. Se o nome do estado é de procedência indígena, o percentual se eleva por essa razão e a constituição dos nomes resulta de um processo mais formal – ou menos espontâneo. Isso ocorre no estado do Piauí, por exemplo, onde 50% dos *hagiotopônimos* analisados são híbridos, como *Santa Rosa do Piauí*, *São Francisco de Assis do Piauí*, *São João do Piauí*. Observou-se o mesmo em relação aos 91% dos designativos híbridos do estado do Tocantins: *Santa Maria do Tocantins*, *Santa Rosa do Tocantins*, *São Sebastião do Tocantins*.

Assim, por um lado, em alguns casos, esse hibridismo pode ser considerado o resultado de uma questão prática que visa distinguir nomes de municípios que são homenagens aos mesmos santos e santas. Por outro lado, esse percentual significativo de vocábulos indígenas nos topônimos está, obviamente, vinculado à presença de populações indígenas no país e ao contato dessas populações com o colonizador e outros imigrantes que para cá vieram ao longo da constituição da histórica do Brasil.

Considerações finais

Este estudo pretendeu apresentar um panorama da macrotoponímia relativa os nomes de municípios motivados por hagiônimos. A análise dos dados permitiu concluir que os nomes com essa motivação representam 9% do total, percentual considerado como significativo tendo em vista que se refere a uma das 27 taxionomias pertencentes ao modelo classificatório adotado para esta pesquisa.

No que se refere à distribuição desses designativos no território brasileiro, quando se toma a quantificação por estado, nota-se que estão nas regiões Norte e Nordeste os estados com maior índice proporcional de municípios cujos designativos

são também nomes de santos e santas católicos. Quando se considera, porém, a distribuição por regiões, os índices são bastante semelhantes; destacando-se apenas a região Centro-Oeste com índice menor em relação às demais.

Mais de cem santos e santas estão homenageados entre os 549 nomes de municípios, sendo os mais lembrados São José, São João e Santo Antônio, entre os santos, e Santana, Santa Rita e Santa Maria, entre as santas. Sobre esses, é possível afirmar que a devoção pode ser notada em todo o país. Verificou-se, por outro lado, a existência de hagiônimos de culto muito restrito, que se tornaram topônimos de apenas um município. Nesses casos, uma das explicações possíveis pode ser o fato de que a devoção foi trazida por imigrantes que se fixaram em apenas uma região.

No que se refere à estrutura dos designativos analisados, constatou-se que eles aparecem sem especificadores – *São José* (SC), *São João* (PE), *Santa Maria* (RS), *Santa Rita* (MA) – ou com especificadores – *São José do Piauí* (PI), *São João do Sul* (SC), *Santa Maria do Pará* (PA), *Santa Rita de Minas* (MG). Além disso, verificou-se que 26% dos designativos são híbridos, formados pela junção de um vocábulo de procedência indígena. Conforme mencionado, esse tipo de topônimo parece ser resultado de uma prática de nomeação que remonta ao período de colonização, mas que perdurou nos séculos seguintes: para impor a nova cultura (língua e religiosidade), os colonizadores substituíam os nomes indígenas que os nativos atribuíam aos acidentes geográficos ou acrescentavam um nome de origem portuguesa antes do nome indígena que já existia. Os topônimos *São João do Jaguaribe* (CE), *Santa Luzia do Itanhy* (SE), *Santa Rita de Ibitipoca* (MG), *São Jorge do Ivaí* (PR) são mais alguns exemplos que representam esse tipo de estrutura.

Uma das conclusões principais a que se chegou a partir do recorte tomado para este estudo – ou seja, apenas os nomes de municípios – confirma o que Dick (1990a, p.350) também havia verificado a partir da análise de topônimos de acidentes físicos e humanos: “os motivos religiosos sempre foram uma constante nos diversos períodos da história do país desde o seu descobrimento até os dias de hoje [...]”. Isso foi comprovado, nesta pesquisa, observando-se a data de início de antigos povoamentos e de municípios criados mais recentemente que também continuam recebendo nomes de santos e santas. Para exemplificar seguem nomes de alguns municípios e seus

respectivos anos de criação: *São Luís* (MA) em 1612, *São João del Rei* (MG) em 1713, *Santo Amaro* (BA) em 1837, *São Benedito* (CE) em 1873, *São Gabriel da Cachoeira* (AM) em 1907, *São João d'Aliança* (GO) em 1931, *São Miguel dos Milagres* (AL) em 1960, *São Roque do Canaã* (ES) em 1995. Esses exemplos ilustram o fato de ser uma constante a nomeação de lugares com motivação de hagiônimos.

Por fim, este estudo se configura como os resultados de uma pesquisa que, juntamente com as outras já concluídas por diversos autores, sobretudo em nível de mestrado e doutorado, poderá contribuir para o conhecimento do panorama toponímico brasileiro no que se refere à motivação religiosa, especialmente quanto à prática de se usarem hagiônimos como designativos geográficos.

Referências

- ANANIAS, A. C. C. dos S.; ISQUERDO, A. N. A religiosidade na toponímia do oeste paranaense: primeiras reflexões. In: *Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística* (CIDS), 2, 2012, Pará. *Anais* Pará: Faculdade de Letras / Universidade Federal do Pará Gerais, 2012. p. 387-400.
- BANZA, A. P. e GONÇALVES, M. F. Roteiro de História da Língua Portuguesa. In: *UNESCO Chair in Intangible Heritage and Traditional Know-How: Linking Heritage*. University of Évora. 2018.
- BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). *As ciências do léxico*. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. Campo Grande: UFMS, 1998, p. 11-20.
- COSTA, G. G. da. As cidades amazônicas na América portuguesa. In: *Revista Eletrônica EXAMÁPAKU*, Roraima, v. 07, n. 02, p. 18-40, 2014. Disponível em: <<https://revista.ufrr.br/examapaku/article/view/2408>>. Acesso em: 27 de maio de 2020.
- DICK, M. V. de P. do A. *A dinâmica dos nomes na cidade de São Paulo 1554-1897*. São Paulo: Annablume, 1996.
- DICK, M. V. de P. do A. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990a.
- DICK, M. V. de P. do A. *Toponímia e Antroponímia no Brasil: Coletânea de Estudos*. 2.ed. São Paulo. Artes Gráficas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/ USP, 1990b.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo 2010*: número de católicos cai e aumenta o número de evangélicos, espíritais e sem religião. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html>>. Acesso em 06 de maio de 2020.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Cidades*. Disponível em <<http://cidades.ibge.gov.br/>> Acesso em 20 de maio de 2020.

KUHNEN, A. *As origens da Igreja no Brasil – 1500-1552*. Bauru: EDUSC, 2005.

SANTOS, B. do S. M.; SOUZA, A. N. de. A prática missionária jesuítica no estado do Maranhão e Grão-Pará (século XVII). In: *Encontro de discentes de História da UNIFAP*, 3, 2017, Macapá. Anais Macapá: Faculdade de História/Universidade Federal do Amapá, 2017. P. 01-11. Disponível em <<https://www2.unifap.br/cepap/files/2017/10/BENEDITA-E-ANTONIO-A-prática-missionária-jesuítica-no-estado-do-Maranhão-e-Grão-Pará-século-XVII.pdf>>. Acesso em: 27 de maio de 2020.